

NAS ONDAS DO PENSAMENTO

Ensaio de História da Filosofia

JOSÉ DIAS GOULART

Nas ondas do
PENSAMENTO

Ensaio de História da Filosofia



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Goulart, José Dias
Nas ondas do pensamento : ensaio de história da
filosofia / José Dias Goulart. — São Paulo: Paulus, 2016.

ISBN 978-85-349-4402-1

1. Filosofia - História 2. Ensaios 3. Espaço e tempo I. Título. II. Série.

16-04426

CDD-109

Índices para catálogo sistemático:
1. Filosofia : História 109

DIAGRAMAÇÃO
DANILO ALVES LIMA

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
PAULUS

1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4402-1

APRESENTAÇÃO

No longo caminho da História,
tudo nasce e renasce, cresce, vai se somando, até parece
que “nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”
ao redor da leveza fundamental do ser.¹

E se hoje temos tanto conhecimento,
tanta experiência, tanta tecnologia, tanta busca de certeza,
sem dúvida se deve a tantos que errando e acertando pesquisaram,
e entre aparentes extravagâncias intelectuais
continuam descobrindo novidades:
em meio aos mistérios da Natureza morta, viva, inteligente,
na profundidade do *Pensamento*, inesgotável fonte do saber.
Fonte que jorra e corre até o oceano do Infinito,
atravessando o nosso pequeno orbe circundante,
indo além das imensas galáxias incontáveis
e mergulhando no invisível tão veloz mundo nuclear.

Por que não nos inspirar uns nos outros?
Podemos assim acrescentar novas luzes para quem vier depois.
Afim, todos temos muito que aprender,
para transmitir, com algo mais, aos que buscam, como nós,
sentir a humana, tanto mais sonhada quanto mais adquirida,
“contemplação da verdade” nos caminhos da vida.

Navegando sempre mais livre,
nas ondas do pensamento
que não tem fronteiras,
e abrindo rotas sempre novas.

1) Antoine Lavoisier, “Pai da química” (1743-1794).

*"O Logos-Pensamento
é a Luz inteligente que
tudo ilumina." (Heráclito)*

Este breve *"ensaio de história da filosofia"* quer apenas despertar o prazer de pensar, conhecendo e admirando cada dia melhor os imortais heróis do Pensamento. Filósofos que são, ou "amigos do saber", se não explicam os fatos todos da existência, ampliam os horizontes do Conhecimento, em busca do "saber-viver". Eles ensinam a questionar, buscando a razão – o porquê e para quê – do saber, do existir e do acontecer.

Daí as Interrogações que movem a mente e a vida humanas no seu aqui e agora. Seguem Respostas de pensadores sempre mais claras e animadoras, quais bússolas que apontam novas rotas na arte de navegar no pensamento e na vida, pelas ondas do universo íntimo e exterior.

Donde as duas partes:

- 1ª. – No Espaço e Tempo – Interrogações.
- 2ª. – Abrindo caminhos – Em busca de Respostas.

PRIMEIRA PARTE

NO ESPAÇO E TEMPO — Interrogações

*A força mansa da Mente
busca a profundidade do Ser
nas sensações da Vida.*

Questionamentos sem conta movem sempre a Mente humana.

No seu próprio interior.

No circundante mundo exterior: terra, mar e ar.

No mundo transcendente que supera toda aparência.

No tempo histórico.

No presente, ora simples, ora tão diversificado.

No futuro certo ou imprevisível.

Em todos os campos:

Nas Artes em suas expressões tão diversificadas
a refletirem o insondável mundo subjetivo.

Nas Ciências sempre mais abrangentes, tão profundas e inesperadas.

Os 17 pontos desta *Primeira Parte*
passam de relance fatos e conclusões
que sugerem novas interrogações.

E a *Segunda Parte*

tentará ouvir os Filósofos que propõem respostas.

Buscando-as, faremos também nossos questionamentos.

Cabe a nós comparar, debater e concluir.

Afinal, somos todos filósofos:

“amigos do saber”, em busca do “saber viver”.

1. Ser, querer e poder.

– Existo? Ou não existo?

Dúvida estranha, que por si já pode dar a certeza fundamental: *Eu existo*.

Pelo fato mesmo de pensar e interrogar.

Mas, não me parece que sou eterno. Comecei.

Por isso pergunto mais:

– De onde venho? Para onde vou?

A resposta nasce do anseio natural que sinto, do sonho evidente que não explico: *Eu quero ser feliz*.

Não consigo não querer a felicidade. Eu me vejo impelido para ela, como finalidade da minha existência. Impulso que não brotou certamente em mim por geração espontânea. Como nem mesmo eu surgi do nada por mim mesmo. Porque: Do nada, nada se faz por si e para nada. Disso, nem consigo duvidar.

Então, de onde ou de quem me veio a existência com essa tendência para a felicidade? E o que é a felicidade, senão sentir-se bem por ser bom? De uma coisa eu sei: “O autor deixa sempre a marca de si na obra que realiza” (cap. 11,2, Descartes). E o meu, só pode ser feliz, porque ele é bom e me criou gravando em mim esse desejo de ser bom também, e assim ser feliz, certamente não a sós, mas com ele e com meus semelhantes. Porque me parece impossível ser bom sozinho ou feliz sem ninguém.

Surge daí nova interrogação:

– Que caminho seguir?

No mais profundo do meu ser, vejo que posso escolher os meios para me realizar, seguindo a direção que me leva para a felicidade. E se posso escolher o caminho, então: *Eu sou livre*.



Da dúvida, uma certeza: *Eu existo*.

De uma origem, o destino: *Eu quero ser feliz*.

E do destino, a liberdade: *Eu sou livre*.

E de onde me vem tanta certeza?
Sem dúvida porque algum Ser existe,
e por seu querer eu também existo.
Sem dúvida, ele é livre, porque me fez livre também.
Ele só pode ser fonte da felicidade, porque me quer feliz.
E por existir e ser livre como ele,
pelo menos em parte já me sinto feliz.



No entanto, um fato nesta vida é proverbial: “Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe”.

Mas, a felicidade, para ser verdadeira, nem se imagina que um dia venha a ter fim. Seria a máxima infelicidade. Daí a interrogação em vista de algo que não termine jamais:

– O que haverá após esta vida tão passageira?

Para muitos, a felicidade final será o mergulho no Nirvana, aquele Oceano onde cada pessoa se esvazia de todo desejo, para mergulhar no Brahman, Universo total, cuja essência já está em cada ser particular. Para outros, a mesma esperança no além: o Paraíso, em que cada pessoa será feliz para sempre, também com a realização plena de todo desejo bom, na comunidade do Reino eterno, quando “Deus será tudo em todos”.



Verdade e Felicidade

Pequeno fio d’água brota dos montes
e vai crescendo, à medida que recebe afluentes,
até tornar-se rio e desembocar no oceano.
Parece o saber humano que, de várias fontes,
se avoluma, em direção ao mar profundo e imenso
da *Verdade*.

A passos lentos e penosos,
a Verdade se torna dia a dia mais clara,
como, através do sofrimento e do esforço,
aos poucos se conquista
a *Felicidade*.

2. Eu, o Mundo e o Infinito

Eu penso! Estou consciente, tenho certeza de que “eu sou eu”. Por isso, sei que existo. E comigo existe, não consigo negar, o mundo que me cerca e me parece não ter limites.

O universo global, que vejo esférico, sem margens nem limites. Astros, satélites, constelações sem conta imensamente grandes. Mares e terras. Tudo talvez um simples aglomerado de átomos fantasticamente pequenos e multiplicados ao infinito.

Por todo lado, o céu tocando a terra. É o horizonte tão distante, que eu, tão pequenino, vejo tão perto, e não consigo alcançar.



E até onde vai o universo? Quando começou, e até quando vai durar?

No espaço: além dos bilhões de galáxias tão distantes. No tempo: talvez antes do *big-bang*, a “grande explosão” que parece ter dado origem ao universo, há 13 bilhões e 800 milhões de anos. Universo que, a partir do primeiro instante, se expande continuamente, para depois se contrair até o possível *big-crunch*, o “grande colapso” talvez final. É o assombroso revezamento, desde a expansão cósmica até à contração atômica no “buraco negro”, onde talvez se desintegrem estrelas e constelações. Mas, “teria o universo, realmente, um começo e um fim?” pergunta Stephen Hawking, que acrescenta em aparente contradição: “O espaço-tempo é finito, mas não tem limites” (cap. 40).



No princípio, com o universo-espaço teve início o tempo. Teria tudo brotado por si, a partir do inexistente absoluto? Absurdo! A não ser pelo poder-em-ação de uma Energia existente por si desde sempre. Pelo ato criador de um Ser maior que o infinito que vemos ou imaginamos. “Um Ser mais forte que o tufão, ou que o mar que nós tememos”, no dizer do nosso Casimiro de Abreu (1837-1860).

Não consigo pensar diferente, ao contemplar essa maravilha que me envolve, e que eu mesmo envolvo com meu pensamento, capaz que este se mostra de voar além do imaginável. Este eu-pessoa que sou, o mundo que me circunda, e até o infinito, tudo a mim se apresenta incompreensível, inexplicável.

Será que “me espedaço em vão contra o infinito”, tentando contemplá-lo com o poeta compositor Vinícius de Moraes? (1913-1980). Ou me sinto naquela “noite escura” do místico João da Cruz que exclama: “Nada de sensível, nem mesmo espiritual, pode unir-nos com plena certeza a Deus!”

Sim: frente ao infinito que me oprime, sinto-me um nada. Porém, Karl Jaspers me anima: “O infinito não me esmaga. Ele me envolve... A imensidão está ao meu alcance”. Porque o meu pensamento me lança para muito além do limitado, numa busca ousada: Até onde serei capaz de ir? Algum dia poderei alcançar o que agora me parece inatingível? (cap. 30).



Ser e Pensar

O Horizonte, sempre tão perto e tão distante:

“Ser ou Não-Ser! – Eis a questão”.¹

O Céu Azul imenso convidativo:

Saber e Crer! – Eis o sonho.

Além do Azul do Horizonte,

o Infinito incompreensível tão atraente:

Amar e Viver! – Será a solução?

Aprenda com outros a pensar.

Vale a pena segui-los.

E você, suas ideias,

por mais simples que sejam,

compare-as com outras,

por mais estranhas que possam parecer.

Escute-as apenas. Leia. E siga adiante.

Não tenha pressa de entendê-las.

Às vezes tão estranhas,

despertam porém e ativam em você

o “amor-ao-saber” e o desejo de “saber-viver”.

1) Shakespeare, em Hamlet (cap. 4º, 2, Parmênides).

Suas e alheias, são ideias indispensáveis
na construção de um mundo melhor,
para os que vivemos agora
e os que vierem depois.
Todos lhe agradecerão,
como nós hoje somos gratos
por esta herança que recebemos,
tão humana que só pode ser divina:
o *Pensamento*.

3. Busca do saber

Admiro o céu, a terra, o mar. Meditei as Sagradas Escrituras, a Bíblia ou coleção de Livros venerada por israelitas e cristãos. Examinei o sagrado Alcorão muçulmano. Refleti sobre os Vedas, com seus tão antigos textos sagrados do Extremo Oriente. Estudei a História de povos e nações. Ouvi lendas e mitos indígenas. Seguindo os passos da Filosofia e das Ciências, admirei poetas e prosadores antigos e modernos.

A descoberta de novas terras ampliou o velho mundo, e as viagens interplanetárias sonham estender o atual para além das nuvens.

No entanto, o avanço tecnológico faz do nosso planeta a pequenina “aldeia global” cada vez menor de MacLuhan², onde já não há distância: quase tudo se sabe e se vê no momento em que acontece, e onde o GPS busca além das nuvens caminhos certos aqui em baixo³.

Passos gigantes se dão em todas as ciências. Na genética, a vida parece possível produzir-se totalmente em laboratório. O genoma ou genótipo torna-se um livro aberto e o DNA revela a individualidade irrepetível⁴.

2) Herbert Marshall MacLuhan (1911-1980). Humanista canadense e teórico da arte e da comunicação.

3) GPS (global positioning system=sistema de posicionamento global), que por satélite fornece orientação precisa para estradas desconhecidas.

4) DNA (forma usual inglesa de ADN: Ácido Desoxirribonucleico). Contém a informação genética individual, descoberta em 1953 por Francis Crick com James Watson, o que lhes valeu o Nobel de Medicina em 1962.

A pessoa pensa em eternizar-se através do clone, aparentemente idêntico ao original. Não será essa clonagem mais um passo, embora perigoso porque forçado, na possível longa evolução da matéria inerte para a vida vegetal e animal, e desta para a inteligência?

Pasmo que estou, o que me sobra?

Dúvidas, algumas atrozidades. Do meu monólogo, brota mais forte o diálogo com o mundo, a vida e a história. E as respostas que tenho me fazem mergulhar em novas incertezas.

Mas, eu não tenho medo das dúvidas. Sei que elas me podem conduzir, no caminho incerto da vida, até alguma afirmação final, apesar de toda ciência se mostrar continuamente reformável, via novas experiências.

Tanta coisa procurei, e tanta alcancei. Por isso, creio que outras poderei obter ainda.

Reconheço dentro em mim que uma certeza desperta nova dúvida, para dela surgir outra resposta, que certamente nunca será definitiva.

E mesmo quando digo “certamente”, tenho alguma incerteza.

Então, não será o caminhar humano uma desafiadora busca incessante do saber?

4. A Origem

Terá sido simples “geração espontânea” a primeira célula-semente, a estoica “razão seminal”, que deu início à “grande explosão” de todos os seres do universo?

Porque é inegável a evolução, a transformação contínua das coisas e da vida. Sem dúvida, nessa evolução estará incluída também a pessoa humana. Mas, de que maneira ela chegou a ser o que é hoje?

Evoluindo de duas sementes pequeninas, mutuamente indispensáveis, meu corpo tão físico, tão material, é claramente também ele fruto desse progresso que acontece em todos os seres vivos.

No entanto, a nossa mente ou alma, que tudo sonda e quer conhecer, parece mostrar que ela mesma é algo espiritual, independente da matéria. Ao mesmo tempo, é sem dúvida ela quem faz a nossa matéria tornar-se corpo cheio de vida e sensações. Ou foi das moléculas tornadas

células que brotou a vida, até mesmo a mente espiritual? Haverá talvez em nós a célula sempre viva da imortalidade?

Nos tantos milênios passados, foram surgindo lendas como tentativas de explicar o ser humano. A talvez mais antiga, referida pela Bíblia, conta que o Criador fez um boneco do pó molhado e insuflou nele um sopro ou espírito de vida inteligente. E ao novo ser deu o nome de Adão, sinônimo de Homem, que significa “feito do húmus-barro”. Depois o fez dormir, e dele retirou uma costela, com a qual lhe preparou uma companheira. Desperto, Adão a chamou de Eva ou Mulher, que quer dizer “Mãe dos viventes” (cap. 3º,1, Hesíodo, Pandora).

Interessante notar que, na mesma época da Bíblia, alguns filósofos gregos dizem: “Água e terra são dois dos quatro elementos que deram início a todos os seres” (cap. 4º,1,3, Tales e Empédocles).

Da costela, ou melhor, do coração do homem, brotou a mulher. Assim descrita, a historieta bíblica procura mostrar que os dois juntos são uma única natureza de carne e espírito. Homem e Mulher, seres humanos reciprocamente complementares, e por isso com direitos e deveres iguais, até hoje nem sempre devidamente reconhecidos e respeitados.



A criatura humana parece o arremate de todas as obras visíveis com que o Artista supremo faz refletir algo de si mesmo. Como a Bíblia conclui o seu poema da criação, apresentando o Homem e a Mulher como “imagem e semelhança do Criador”. Mais adiante repete o nome desse inegável primeiro casal: “Adão com Eva geraram numerosos filhos e filhas, conforme a imagem e semelhança dele e dela” (Gênesis 1,26; 5,3).

Terão gerado apenas o corpo, ou pessoas completas como eles: corpo e espírito? Será tal espírito apenas alma que “anima” o corpo e o faz viver, sentir e pensar, para no fim com ele morrer? Ou será esse espírito algo mais, acrescentado para sondar e captar sensações da dupla corpo/alma, e a partir delas formar conceitos e juízos?

5. O Destino

Corpo evoluindo ao longo de séculos que se perdem na imaginação, e nele alma e/ou espírito, também esta dupla evoluindo no conhecimento de si, do mundo e do supra-mundo.

Assim o homem e a mulher, unidos como princípio único e indivisível da longa história humana.

Essa a ideia simples de como deve ter sido a nossa origem. Mas, quando terá acontecido? Há duzentos mil anos? Talvez quinhentos mil, ou mais?

E quando realmente essa criatura começou a ser “alguém”, a pensar, a ser pessoa?



Buscando a nossa origem, o que acima de tudo queremos saber é o destino ou meta para onde se dirigem a nossa pessoa, o universo e a história.

De um fato que se repete a todo momento e que chamamos morte, vem a interrogação melancólica:

– Se somos imagem do eterno Criador, como pode ela quebrar-se, esfarelar-se, até se consumir no pó do chão ou na cinza?

Diante desse drama tão concreto, outra lenda, também antiquíssima, narrada nas Metamorfoses do poeta Ovídio (43-17 a.C.) e lembrada no Paraíso da Divina Comédia de Dante (abaixo n. 14; cap. 9º,4º), talvez dê uma resposta inicial:

– Fênix, águia real da Etiópia. Com suas penas esplendidamente coloridas, quando está para morrer faz para si um ninho com incenso, mirra e outras plantas aromáticas. Chegada a hora, aí entra e morre. Sua carne decomposta gera e alimenta uma larva que, ao criar asas, toma no bico o ninho e o leva com os restos de seus antepassados até Heliópolis, a Cidade do Sol. É a Fênix renascendo de suas próprias cinzas, por estar unida ao deus Sol, que dá vida a todos os seres.

Fênix: fábula da ressurreição ou da reencarnação.

Será apenas lenda e fábula, pura ficção, singelo mito para explicar uma realidade final em dois aspectos talvez complementares? (cap. 5º,3, mitos).

Na sua fraqueza, a pessoa sente a grandeza do seu destino. E na sua contínua evolução, uma ansiosa espera por esse desconhecido que convida e atrai sempre mais. Será ele atingível?

6. O Caminho

No espaço e no tempo entre a origem e o destino, continuo minhas indagações.

Se venho do barro aparentemente sem vida, e se vivo de um sopro inteligente; se me sinto livre, responsável pela minha felicidade, que procuro tão espontâneo: como poderei realizar o sonho sempre mais consciente que trago desde o berço? que rumo dar à minha existência para atingir a grande meta, o meu destino final?

Noto que a resposta eu mesmo posso encontrar na minha inteligência ou mente. Esta “raciocina” para tirar conclusões de seus próprios pensamentos, ou de tudo o que observa através dos sentidos.

Contudo, apenas saber não me parece suficiente. Venha esse conhecimento de onde vier e como possa vir. Embora seja ele o primeiro passo, pois devo ser consciente ao tomar o caminho para a felicidade. Afinal, sinto-me dirigido pela minha inteligência ou razão, que também se chama consciência, porque – parcial e progressivamente – sabe que sabe, sabe o que quer, e sabe o que faz.

Daí a busca incessante de conhecer cada vez mais, para realizar sempre melhor, o desejo que parece crescer, à medida que se vai realizando.

Enfim, qual o meu caminho entre a origem primeira e o destino final?

Vejo que muitas estradas existem. E que sou livre para escolher, entre elas, uma que me garanta atingir o destino de ser feliz. Porque, não é sem razão que vivo esse sonho. E que eu preciso não me desviar.

Mas, sozinho, poderei encontrar o rumo e segui-lo com segurança? E se a minha inteligência não vê com clareza o caminho que me satisfaça plenamente, terei mais alguma fonte de luz que o ilumine? Precisarei de alguém que o indique e abra para mim, talvez indo a meu lado ou à frente?



O jardim do Éden, ou paraíso terrestre, onde Adão e Eva viviam felizes, era cercado pelos cristalinos rios Tigre e Eufrates. Tinha no centro das fruteiras a Árvore da Vida, cujo fruto dá sabor a tudo, e a chamada Árvore do Conhecimento, com seu fruto que faz saborear o gosto do Bem que é prazer, mas faz conhecer também o Mal que traz consigo a dor.

A lenda bíblica narra que o primeiro casal errou seriamente ao se alimentar dessa Árvore do Conhecimento. Não certamente pelo simples desejo de conhecer, curiosidade própria da inteligência que não vê limites: quanto mais aprende, mais adiante quer e pode ir. O engano veio certamente da fraqueza natural de não aceitarem esta ordem expressa do Criador, neles impressa:

– Não sigam por qualquer caminho. Nem se afastem de mim. Do contrário se perderão em seus próprios pensamentos.

A mítica narrativa conta que Deus, ao expulsar Adão e Eva do paraíso, disse com ironia humana:

– Agora os dois já conhecem o bem e o mal. Só lhes falta se fartarem da Árvore da Vida, para nunca morrerem.



A fábula tenta mostrar o emaranhado em que a humanidade foi e vai se perdendo. Quando seria tão fácil conhecer-se, contemplar o universo, refletir sobre a história, para encontrar o caminho de volta ao paraíso da paz interior e exterior.

Claro que os humanos não foram expulsos. Certamente nem são. Eles é que abandonam o paraíso do saber-viver, por não buscá-lo aceitando os próprios limites. E continuam querendo conhecer tudo por conta própria, autossuficientes que não reconhecem a fonte do verdadeiro saber e viver. Fonte que plantou a verdadeira Árvore do Conhecimento na inteligência humana, dando-lhe o desejo incessante de buscar a Verdade, para alcançarem a Árvore da Vida.

Verdade e Vida. Qual o Caminho certo para encontrá-las?

7. Ciência e Filosofia: conhecer e entender

Sem necessitar de experiências externas, a pessoa se mostra consciente do seu próprio “eu”. Daí ela sai, através dos sentidos, para conhecer também o “não-eu”, o mundo exterior. A este mundo me sinto preso, plantado como árvore no mesmo chão material. Talvez porque eu só me sinta eu, sentindo o não-eu que me circunda.

De fato, tudo me parece apenas matéria. Um todo de partes sensíveis, palpáveis.

Mas, se sou apenas matéria, como posso pensar? Minhas sensações físicas – ver, ouvir, cheirar, saborear, palpar – como podem dar o salto de imensa qualidade, desde o cérebro tão físico até a mente tão etérea, pensante? Ou será o cérebro algo mais do que simples matéria cinzenta com seus bilhões de neurônios? Será ele a nossa própria mente? E como funciona esta, para eu me conhecer a mim mesmo e ao mundo próximo ou distante de mim?

O caminho dos cinco sentidos é dirigido pelo pensamento? Ou será o pensamento mero resultado dos sentidos, esses epicuristas “mensageiros da verdade”? Mas, o que é a verdade? (cap. 6º, A-2).



Consciente que sou de mim mesmo, observo, examino e analiso o mundo. Concluo e defino.

Consciência, observação, experiências e análises, conclusões e definições. São os degraus do Conhecimento, que abrange Ciências Exatas, Biológicas, Humanas e Sociais, com suas ramificações e mútuas interferências.

Entre as Humanas, a Filosofia se apresenta como “a ciência das ciências”. Porque todas as outras explicam fatos e causas particulares, dando assim pistas indispensáveis para a Filosofia, que busca o princípio geral, a origem e primeiríssima Causa não-causada e fonte de todas as causas e coisas. Filosofia que interroga também o valor e alcance do ato mesmo de conhecer. Sonda o fim último para onde tendem todos os seres. E pesquisa e escolhe os caminhos rumo ao destino final.

A Filosofia busca entender e explicar a razão do que existiu, existe ou possa existir no mundo visível e até no apenas inteligível.

As Ciências todas nascem da Filosofia e a ela conduzem. Por sua vez, a Filosofia, mais reflexiva e vagarosa, dificilmente acompanha o passo rápido das Ciências. No entanto, estas apelam a ela, quando experimentos e cálculos infinitesimais esbarram no absurdo. É onde acontece a mútua “invasão”: Ciências tentando ultrapassar seus limites empíricos, e Filosofia sofrendo influência de descobertas científicas.

O cientista pergunta: O que é o universo? O filósofo vai mais longe e interroga: Por que existe o universo, e nós nele? A Filosofia pensa. A Ciência verifica e aplica. Ambas seguem cada uma o seu método, como diz o composto grego “*metá-odós*”, por um caminho.

Em resumo, a Filosofia investiga sempre, é contínuo processo nunca satisfeito. Faz simplesmente contemplar a verdade. Contemplação que começa com o maravilhar-se e termina orientando a vida. Porque a busca da verdade move a viver digna e satisfatoriamente. Enfim, Filosofia, mais que tudo, é vivência.

Daí o nome “filosofia”. Do grego, *filos*=amigo e *sofia*=sabedoria. Exatamente “amizade para com o saber”. Neste sentido profundo, ela é mais do que simples ciência, porque ilumina e abrange todas as outras. Cada cientista é filósofo na sua área. Mais ainda: Cada pessoa é filósofa por natureza, pois quer saber a razão de tudo. Como a coruja, símbolo da Filosofia, com olhares sempre fixos na deusa da sabedoria, para os gregos Atena, para os romanos Minerva.

E quanto mais se aprende, mais crescem as interrogações, que parecem nunca chegar ao fim: – Haverá um dia respostas e soluções definitivas? O que será, e onde estará a tão sonhada verdade completa? a vida feliz?



Olhe o céu, a terra, o mar, o *universo* sem limites.

Pense na *história* repleta de atrações.

Mergulhe na sua própria *mente* tão secreta.

Então sentirá que todo ser humano

– letrado ou analfabeto –

é por natureza filósofo, “amigo da sabedoria”:

Quer saber a razão de tudo.

Desde criança interrogando a toda hora:

– Por quê? Pra quê?
Como alguém que procura
os melhores Caminhos
para alcançar a Verdade
e realizar plenamente a Vida.
Afim, Filosofia não é ciência tão difícil,
como não é simples curiosidade.
É “amor-ao-saber”.
É desejo de “saber-viver”.

8. Conhecimento e História

Um retorno relâmpago pelo túnel do tempo, para depois tornar a vir, faz rever os passos do Conhecimento ao longo da História.

Porque, lembrar faz reviver, para progredir.

De fato, a História é um memorial: a memória revivendo hoje o que se passou ontem, já antevendo o que há de vir amanhã. A História é, segundo expressão de Cícero, a “mestra da vida”: o passado ensina a viver o presente, preparando um futuro melhor (cap. 6º, A-5).

Não há dúvida. A História nos deixou como herança o saber que nossos antepassados aprenderam. Nós o desenvolvemos, a fim de o transmitirmos, acrescido de algo mais, para os que vierem depois de nós. E estes farão o mesmo para as gerações seguintes.



Conhecimento cronológico de fatos passados. Assim se costuma definir a História. Mas, o que dizer do período que a precedeu, a Pré-História, de duração tão difícil de medir? Pacientes pesquisas arqueológicas examinam desenhos ou rabiscos, animais e vegetais fossilizados, petrificados, que dão alguma leve ideia de como pensavam e viviam nossos longínquos antepassados, na chamada Era do Homem da Caverna. Todavia, o quase nada que a longa fase pré-histórica tem para oferecer continua despertando filósofos e cientistas.

Enquanto eles pesquisam e refletem, nós vamos viajando pela História propriamente dita, que não é feita de momentos estanques, mas de afirmações e contradições em perene movimento dialético.

O nosso desejo não é rever os acontecimentos pacíficos ou guerreiros que fizeram a sucessão de tribos e nações. O que realmente procuramos é conhecer algumas ideias surgidas em cada época, até chegarem ao que hoje sabemos e que poderá servir de base para novas descobertas.

Queremos, enfim, a História do Conhecimento. E com ela, o Conhecimento da História: os porquês da trajetória humana.

Não há como negar: essa compreensão ajuda a corrigir os rumos da humanidade. Porque as ideias são como o fio condutor dos fatos. Ou será que os próprios acontecimentos é que mudam essas maneiras de pensar?

9. Filosofia e Revelação

Por mais que pense ou raciocine, a inteligência não consegue ver tudo claro. Percebe, para além do seu horizonte tão próximo e tão distante, que deve existir sempre algo mais que ela quer descobrir.

Ora, a pessoa sente a capacidade para realizar esse desejo, que foi sem dúvida um Ser maior quem nela implantou. Aliás, tão perto ele está de quem lhe corre atrás, e tão longe, pela amplidão infinita onde parece oculto. Ele existe? Quem é ele? O que ele é? Como podemos saber algo a respeito?

Exatamente nesse universo sem limites e nessa história repleta de novidades, será que esse possível Grande Ser pode revelar também o que sua criatura humana se mostra incapaz de atingir sozinha?

Conforme a narração bíblica no livro das Origens, o patriarca Abraão teria vivido cerca de 4.000 anos atrás, tempo em que os povos julgavam agradável à divindade o sacrifício até de vítimas humanas. Certo dia, o já ancião sentiu a voz dessa vontade popular:

– “Vá e sacrifique em louvor a Deus o que você tem de melhor: o seu filho Isaac, a quem você tanto ama”.

No momento da imolação, ao ver um carneiro enroscado num arbusto, Abraão pensou melhor, e ouviu uma como voz mais clara que o fez sentir a ética natural que não admite certamente suspensão:

– “Que direito você tem sobre a vida do menino?”

E o patriarca ofereceu a Deus o carneiro, em lugar do filho.



Só raciocinar sobre costumes e fatos, para tirar conclusões, terá sido suficiente para Abraão conhecer o verdadeiro pensamento do Criador? Ou foi Deus mesmo quem se revelou diretamente ao santo ancião?

Sem dúvida, uma coisa e outra. A inteligência ou razão seguindo por dois caminhos: Ou comprovando suas próprias conclusões. Ou tendo fé na palavra direta de Deus.

O primeiro caminho é o da pura *filosofia*.

O segundo é o da *revelação*. Aqui, a razão consegue não apenas considerar “razoável” a natureza do fato revelado. Pode também provar que a revelação é perfeitamente “racional”. Parece até necessária para satisfazer o anseio da inteligência, que sozinha se vê incapaz de alcançar tudo o que deseja conhecer com precisão.

Na sua busca incessante, o filósofo chega ao ponto que lhe parece o mais alto, a Causa primeira onde tudo começa. E a denomina Deus, em grego Theós. Então, o filósofo se sente também teólogo, porque leva em conta a revelação, que só pode vir diretamente de Deus.



Mas, até onde vai a pura filosofia? E onde começa a revelação, esta “terceira navegação” platonicamente possível?

É difícil traçar a fronteira.

Além disso, conclusões puramente filosóficas aprofundam pontos obscuros da revelação, ou desta recebem esclarecimento.



Filosofia e Revelação. Duas fontes diferentes do mesmo saber humano. Serão duas linhas sempre paralelas que nunca se encontram? Ou dois vagões levados pela mesma locomotiva da inteligência? Serão diferentes apenas na maneira de mostrar e demonstrar a origem, o destino e os caminhos da criatura humana, tão desejosa de conhecer cada vez mais e viver sempre melhor? Ou serão duas faces do mesmo saber?

Pelos Caminhos da Razão,
Poetas, Cientistas e Filósofos
aprenderam e ensinaram:
“O sábio estende seus conhecimentos,
sem perder de vista a meta final”. (Confúcio)
“Duas coisas me encham de admiração:
o Céu estrelado acima de mim,
e dentro de mim a Lei Moral”. (Kant)

Pelos Caminhos da Fé,
Patriarcas, Profetas e Apóstolos,
clareando os Caminhos da Razão,
comunicaram a revelação de Deus:
“EU SOU Aquele-que-é”. (Bíblia, Êxodo)
“EU SOU o Caminho, a Verdade e a Vida”. (Bíblia, Evangelho)

10. Questões fundamentais

A história comprova que nenhum sábio é completo. Cada um vai acrescentando sempre algo novo ao que outros descobriram, também estes apoiando-se em anteriores. Porque a criatura humana é pesquisadora que não para de se interrogar e de fazer experiências. E a cada resposta que encontra, vai deixando nova interrogação, que futuros pensadores tentarão responder, para completarem o que já tiverem aprendido.

O saber, que cada pessoa adquire de outra, vai se somando a reflexões próprias e de novos descobridores. Este saber coletivo que cresce continuamente não será talvez, na expressão de Tales, aquela “alma ou inteligência universal”, que se manifesta sempre melhor no conjunto dos seres inteligentes? (cap. 4º,1).

Cada página da longa História do Conhecimento traz indagações ansiosas e respostas sempre consoladoras, ainda que incompletas e até opostas e contraditórias.

Vale a pena manter um diálogo com essa História do Conhecimento, ouvindo aqueles que buscaram e encontraram, antes de nós, caminhos para a realização do duplo anseio humano: saber e ser feliz.

Como introdução ao nosso diálogo com esses imortais heróis do saber, vamos mergulhar em alguns questionamentos básicos:

11. Tempo, Espaço, Eternidade

Pelas estradas da vida, vou me interrogando:

– Quem me fez, quando e onde é que me fez?

Eu existo hoje. Mas, o que é o tempo? “A contagem do movimento conforme o antes e o depois”? E antes desse antes? E depois desse depois? Desde quando e até quando?

Eu existo aqui. Mas, o que é o lugar ou espaço? “Uma área limitada por outra”? E para além desta segunda área, existe ainda outra limitante? Até onde?

Em minhas divagações, concluí: O tempo divisível não existe. Nem o espaço mensurável.

O passado não existe mais: já se foi.

O futuro não existe ainda: não chegou.

O presente é um contínuo passar, que não para, entre o passado e o futuro.

Ou, como diz o filósofo e teólogo Agostinho, o tempo só existe na mente humana, e é sempre único, o presente. Porque:

“O passado existe agora, na memória.

O presente se vê agora, na intuição.

O futuro acontece agora, na esperança” (cap. 8º,C).

E o espaço ou lugar parece um globo sem limites, onde qualquer ponto seria central. É o infinito sem fronteiras, sem ponto inicial ou final.

Numa palavra, parece só existir o que chamamos eternidade. Sem antes nem depois, sem limites nem centro. Tudo ao mesmo tempo. E sem medidas.

No entanto, eu existo hoje: não ontem, nem amanhã. Eu estou aqui: não além, nem aquém.

E o meu pensamento abrange todos os tempos ao mesmo tempo. Alcança todos os espaços sem sair do meu espaço.

Aliás, parece que só é possível pensar em tempo e espaço inseparáveis. É o espaço-tempo. Tudo o que acontece é algo que transcorre de

um passado, pelo presente, para o futuro, em algum espaço ou lugar. Talvez o tempo não seja mais que a simples medida com que eu calculo esse imóvel espaço-tempo.

E eu, passando pelo tempo como simples observador dentro do espaço, mergulho na eternidade, esse infinito sem contagem de tempo e sem medição de espaço. Infinito que não alcanço, mas procuro entender.

12. Movimento

No universo, como eu o vejo, não existe repouso. Tudo se move. Tudo é passagem de um espaço ou lugar para outro. Ou de um tempo passado para o futuro, através do presente que não faz pausa.

Moto perpétuo, movimento contínuo. Desde o passo da tartaruga tão vagarosa até a velocidade vertiginosa da luz.

O andar humano a 6 quilômetros por hora. O som a 1.800 kh, e as aeronaves rompendo com estrondo essa barreira do som. O cometa Halley, a 170.000 kh nas retas e a 30.000 nas voltas, em sua longa trajetória que dura exatamente 75 anos. Em outubro de 2014, outro cometa, o Siding Spring, a 200.000 kh, pôde ser visto “raspando a milhares de quilômetros” o nosso planeta Marte, ao executar mais uma vez sua absurda trajetória de um milhão de anos atrás. E a luz, e a onda de rádio, a 300.000 quilômetros por segundo!

É a velocidade espantosa transpondo distâncias incalculáveis na imensidão do universo. Aí se toma, como unidade, não a hora tão breve, mas o ano-luz, quer dizer, a distância percorrida durante um ano pela luz tão veloz.



Existem milhões de estrelas que já se desintegraram há milhões de anos, e no entanto o seu brilho faz milhões de anos-luz que está viajando, e ainda gastará outros milhões para chegar ao ponto onde se encontra o nosso minúsculo planeta Terra. E este, a essa altura, já poderá estar desintegrado também. E das estrelas que agora pensamos ver, muitas certamente não passam de imagens luminosas que sobraram, porque elas mesmas já não existem quem sabe há quanto tempo.

E a luz de estrelas supernovas, milhões de vezes mais brilhantes que o nosso sol, que ilumina este imenso sistema solar tão minúsculo diante de outros fabulosamente maiores!

Quem não se perde nesses cálculos?



O movimento começa com a mudança de posição dos átomos. Mais ainda: dentro de cada átomo giram vertiginosamente elétrons e mésons em espirais elípticas ao redor do núcleo atômico, formado de prótons e nêutrons. Estes dois, por sua vez, são constituídos, cada um, de três quarks. Viagens espantosamente velozes dentro de cada átomo, por si tão minúsculo, ou passando de um átomo para outro.

E no centro de cada átomo, em cada corpo minúsculo ou astronômico, existe a força da gravidade. Ela ao mesmo tempo atrai e repele, fazendo cada bloco pequenino ou enorme girar em torno de outros. Como alguém volteando na ponta do laço um bloco, que se mantém seguro na sua trajetória, enquanto gira ao redor, com violenta tendência de se afastar. Resultante das hoje comprovadas “ondas gravitacionais”, a newtoniana gravitação universal é que produz essa maravilha de colossos sem conta, de peso incalculável, girando tão rápidos na mais perfeita harmonia.

Mas, em que consiste o peso, que é maior ou menor, de acordo com a maior ou menor atração da gravidade? Onde esta parece não agir, o corpo do astronauta flutua. No entanto, haverá talvez algum espaço ou corpo totalmente livre dessa força fantástica? Sem falar na velocidade crescente, talvez maior que a da luz, com que as galáxias expandem o universo: até onde? até quando?

Então, como foi possível Parmênides e outros filósofos afirmarem que o movimento é simples aparência? Só porque o ser das coisas nunca deixa de ser? ou porque o universo é um ser único, e por isso imóvel? (cap. 4º,2).

13. Vida

Em nosso pequeno mundo, em nosso próprio corpo até, quantas partículas haverá de átomos estelares caídos da imensidão, há milhões

de anos-luz? E quantas se foram de nosso corpo e se espalham por esses mundos perdidos no espaço sem fim?

E o que é a vida em suas inúmeras variações, diante das ciências exatas, tidas como plenamente fixas? Apenas esse contínuo passar de uma situação para outra? Porque se afirma: “Vida é movimento”. Quem sabe até se possa inverter: “Movimento é vida”.

De fato, um sopro vital se espalha por todos os seres do universo. Embora neste nosso mundo tão pequeno, vida mesmo se atribua somente aos vegetais, animais e humanos.



E o que é, na imensidão, a minha vida tão pequenina?

Apenas a brisa de partículas atômicas? Ou a combinação química de átomos de água e fogo, em proporções equilibradas, formando moléculas e produzindo calor maior ou menor? Desde o calor das geleiras, negativo em relação ao do nosso corpo, até a fornalha do sol que aquece todo o seu sistema de planetas e satélites. Ou aquele calor absurdo de estrelas bem mais quentes que o nosso sol? Calor acrescido do magnetismo incalculável das estrelas de nêutrons, as magnetars, com seus campos magnéticos de limites inimagináveis?

E a duração desta minha vida?

Raramente atinge um século. Mas, o que é um século, um milênio que fosse, frente à duração de um planeta ou estrela? Nada mais que momentos-relâmpagos.

Existirão seres vivos e inteligentes em estrelas distantes de nós a milhões de anos-luz?

Claro que é possível. Talvez mais perto ainda. Eles até podem estar contemplando, neste exato momento, quem sabe, a imagem do nosso globo terrestre como era no tempo dos dinossauros. Imagem tão antiga que somente agora estaria chegando até eles.



Haverá outros universos, talvez puramente espirituais, onde a vida não esteja ligada ao movimento? É o que me faz imaginar o meu próprio pensamento, que é vida plenamente livre, e no entanto não se move enquanto viaja por todo este universo, onde tudo se move, e vai até além dele.

E nessa imensidão, tudo na mais perfeita harmonia, certamente que não falta nem falha um átomo sequer.

14. Pensamento

Tempo e espaço. Distância e velocidade. Peso e calor. Força de gravidade tão fabulosa, que ao mesmo tempo atrai e afasta grandezas imensas, formadas de quantidades incalculáveis de elementos atômicos tão pequeninos, que a mente parece não imaginar, e no entanto consegue comprovar, com o raciocínio, com a matemática e até com experimentos.

Tudo enfim envolvido em algo imenso, sem medida. Algo infindo, sem limites, sem distâncias nem velocidades.

E o meu pensamento, que tudo penetra, mais que o ar, o vento, o fogo, o éter, perde-se no visível, para mergulhar no infinito. Sem se mover, abrange, conhece e acompanha os movimentos mais velozes de partículas ultra-microscópicas e de colossais planetas e constelações que não se podem medir nem contar.

Com levíssimo toque, faço vibrar a força escondida numa plaquinha minúscula do semi-metal silício – talvez, em futuro breve, numa simples gota d'água – que movimentava o computador, esse resultado extraordinário de sucessivas descobertas: a soma de leis matemáticas com respostas lógicas, no compasso binário positivo-negativo 1-0, 0-1, 1-0, 0-1 (cap. 34,2, Russell).

Numa partícula injetada no sangue, o computador pode colher incontáveis informações da maravilhosa máquina humana. Há muito tempo, telescópios como que aumentam os olhos, para enxergarem o universo em profundidade. Pequenos aparelhos auditivos ampliam os ouvidos. Marca-passos regulam o coração. Hoje, até o cérebro se potencializa, como que aumentado no computador. É a fase do homem biônico e do ciborg, o *cib-ernético org-anismo*. Só faltaria monitorar com chip a liberdade de pensar, sonhando talvez com a criação de uma “inteligência artificial”!

É o computador executando muitos milhões de operações por segundo. Realizando para mim cálculos instantâneos que o meu pensamento

não consegue acompanhar. E num átimo transcrevendo enciclopédias. Ou remetendo, ao mesmo tempo, para qualquer extremo da terra, páginas e livros via Internet – “rede internacional aberta”, como diz a tríplice inicial inglesa de todo site ou página: www (Wide World Web).

É a Comunicação evoluindo sem cessar. Comunicação oral, escrita, impressa, massiva, midiática, digital: fases progressivas sempre vivas, sem fronteiras definidas. Comunicação modificando e globalizando as culturas ou maneiras de pensar e viver. Estamos em plena fase da cultura digital. Bem mais que antes, será «a mensagem o meio» que a transmite?

E o pensamento emissor e receptor se perde no computador que ele mesmo inventou, e onde tempo, espaço e movimento parecem desaparecer. E dizer que o pensamento, sem meios externos, sozinho já consegue mover o computador! Sem pensar que este não faz o salto de imensa qualidade que atinja a consciência através do cérebro, essa maravilhosa galáxia de neurônios incontáveis. Cérebro e consciência tão interligados que fazem esquecer a tradicional divisão do ser humano em corpo-e-alma. Que espírito será essa alma, ou será ela algo mais que faz da matéria cinzenta nascer o pensamento?

Já vivemos hoje o “mundo virtual”, onde espaço, tempo, movimento, vida e pensamento confundem-se em ato único. Imagem talvez da eternidade, essa “posse total e simultânea da vida sem limites”. E até onde poderemos ainda chegar com esta nossa cultura cibernética? (cap. 9º, 1º, Boécio).

Filosoficamente Pitágoras afirmava, cinco séculos antes de Cristo, que poderíamos ouvir a “harmonia numérica e musical das estrelas”. Vinte séculos depois de Cristo, matematicamente Einstein anunciava as “ondas gravitacionais” que mantêm a ordem no universo. E agora, um século após, tais ondas são comprovadas cientificamente, graças à cibernética. Já podemos, não apenas ver as estrelas distantes, mas também ouvi-las.



Certissimamente não foi o pensamento humano quem colocou na placa de silício, ou na gota d’água, a força tão prodigiosa do computador. Foi sem dúvida outro Pensamento. O do Ser supremo. Daquele Pensamento ou Energia, o Motor imóvel que, com sua atração, tudo faz vibrar e viver através das ondas gravitacionais. Mediante seu Poder infinito,

“move o sol e as estrelas” em órbitas perfeitamente sincronizadas, como diz o aristotélico verso final de Dante no Paraíso da sua Divina Comédia (acima 5; cap. 9º,4º).

Ou será que a Matéria é simples energia atomizada e eterna também, que o platônico Arquitecto do Universo moldou para formar o Cosmo? Ou, pelo contrário, o Pensamento Eterno é quem tudo define e lhe dá existência, inclusive à matéria, e com ela ao nosso espírito, e nesse espírito ao nosso pensamento?

15. O Desafio da Esfinge

Em qualquer lugar, as pessoas procuram a paz, e no entanto se devotam umas às outras em ódios e guerras.

Terrível contraste! A medicina transforma venenos mortais em remédios, enquanto invenções para curar são usadas frequentemente para minar a vida.

– De onde vem a maldade que impede a realização do sonho tão natural de viver feliz e cada vez mais livre e solidário?

Felizmente, do fato absurdo que são o mal e a dor, podem vir benefícios incalculáveis: a vida, a liberdade, a felicidade, que tanto mais crescem, quanto mais se veem difíceis de conquistar.

Talvez porque também nas pessoas, como acontece no mundo vegetal e animal, “da morte surge a vida”, no dizer de Heráclito de Éfeso (cap. 4º,1).

Da ânsia ou até ganância maldosa surge o progresso material. Mas, será um mal a matéria, se ela traz o progresso que é bom?

Parece aqui soar o forte contraste expresso no famoso “Enigma da Esfinge” ou Matéria, que vai repetindo através dos séculos:

– “Ou me decifras, ou te devoro”.

Essa matéria universal – esfinge enigmática – será ela pura força ou energia? Quem sabe, até possamos dizer: É a energia fazendo-se matéria!

E o homem, matéria com pensamento-espírito, poderá ele ser “visto”? Teilhard de Chardin talvez responda com a sua Hiper-física, contemplando “sensitivamente” o Humano total, o “corpo-espírito” (cap. 21).

O desafio é constante: Ou decifro o enigma-homem, encontrando resposta suficiente. Ou me sinto devorado pela ansiedade.

Soluções de ontem, será que valem ainda hoje? Não poderíamos encontrar novas e melhores?

16. Interrogações vitais

O Pensamento supremo parece ter feito o meu tão semelhante a ele, capaz que sou de o sentir dentro em mim. Ele, o infinito saber. E eu, o infinito querer-saber.

Mas, até onde poderei compreender esse Pensamento sublime tão poderoso? Esse aristotélico “Motor imóvel que com sua atração tudo movimenta, sem ser movido por ninguém e por nada”? Ele que tudo envolve, e nada o circunda nem atinge? (cap. 5º,3, Aristóteles).

Mais ainda: Será que ele apenas organiza e move o que sempre existiu? Ou ele é o Criador, que fez o não-ser vir-a-ser?

Nada parece eterno
de tudo o que existe.

E como do nada, nada se faz,
Alguém deve ter dado o impulso inicial
com seu insondável poder criador.

Partindo ou em busca dessa questão maior, poetas e filósofos enfrentaram e enfrentam outras interrogações vitais, no Caminho da Razão e da Fé:

- Quem sou eu?
- De onde venho?
- Onde estou e para onde vou?
- Que caminho seguir?

17. Vivendo e aprendendo

A História do Saber tenta dar resposta a tantas interrogações. Não parece suficiente o que já se disse em passado próximo ou distante. A cada resposta surgem novas dúvidas. Daí por que tantos poetas, cientistas, filósofos e teólogos, em tantos lugares e línguas, movidos pela Razão ou inspirados pela Fé, ampliam e aprofundam o Conhecimento, buscando unir Fé e Razão.

E eu?
Sinto-me parcela da “inteligência universal”
partilhada em cada ser pensante.
Comunicamos o que recebemos,
acrescentando algo mais
para as gerações futuras,
que farão crescer o progresso
do amor-ao-saber e do saber-viver.
Quanto mais se aprende,
mais se procura conhecer.
Quanto mais se vive,
mais se sente vontade de viver.
Porque as ideias e a vida
são como as ondas do mar,
renovadas em contínuo vaivém
pelo sopro da reflexão.
Ideias: começam não se sabe quando e onde,
crescem não se percebe como,
e irão até onde e quando
não se pode imaginar,
mergulhando sempre mais fundo,
navegando sempre mais longe.
Vivendo e aprendendo,
não há quem não desperte em si
a socrática arte de fazer que nasçam, de cada pessoa,
os pensamentos gerados pelo Grande Ser
em cada inteligência,
e os sentimentos por ele criados
em cada coração.
Convivendo e partilhando dúvidas,
a vida é contínua busca de respostas.
Quem busca “aprender”
encontra a verdade, o “saber”.
E, no dizer do imortal Rui Barbosa,
“a verdade não se impacienta porque é eterna”.